

riais, notas, entrevistas, tópicos, notícias, contra o Clube Militar e sua Diretoria, contavam-se por centenas, diariamente, os ataques. Mas, no Congresso, a Petrobrás tornava-se lei, em 1953; só havia agora, um caminho para destruí-la, o interno, o administrativo. Para isso foi nomeado seu primeiro presidente um de seus inimigos, Juraci Magalhães, cuja providência inicial e característica foi contratar nos Estados Unidos, para chefe da prospecção, Mr. Link, o geólogo mais bem pago do mundo encarregado de “provar” que, fora dos reduzidos campos baianos, o Brasil não tinha petróleo.

Apesar da política de conciliação e das concessões feitas ao imperialismo por Vargas — particularmente sua omissão quando da liquidação policial do grupo nacionalista militar — tornava-se urgente debilitá-lo para que cedesse tudo ou, em último caso, fosse destituído do governo. A campanha de 1951 a 1952 visara o grupo militar; tratava-se agora de liquidar a imprensa que o apoiara, representada quase que tão somente pelo vespertino oficioso *Última Hora*. Toda a imprensa concentrou-se, então, em demonstrar o óbvio: que esse jornal só se tornara possível pela concessão de grandes empréstimos nos estabelecimentos oficiais de crédito. Foi a “operação” que ocupou a grande imprensa em 1953 e que se arrastaria por alguns meses: era necessário pôr a descoberto os empréstimos levantados pelo vespertino oficioso, esquecendo aqueles levantados, nas mesmas condições, ou piores, pelos outros jornais⁽³³⁴⁾. Rafael Correia de Oliveira, em sua coluna do *Diário de Notícias*, mostrava como não era possível, quando menos por coerência, atitudes diversas ante fatos iguais, e acusava os *Diários Associados* de se terem aproveitado mais dos estabelecimentos

(334) A 17 de outubro de 1950, Vargas eleito mas ainda não empossado, *O Globo* levantara empréstimo no Banco do Brasil, no valor de 31 770 dólares, isto é, os cruzeiros destinados à cobertura da importação de máquina impressora tipo *off-set*, modelo *Roland-Ultra RZU V*, alemã, para imprimir *O Globo Juvenil*, *Gibi* e outras revistas desse tipo, lançadas pela empresa, escritura registrada a folhas 59 a 61 do livro nº 354 do 15º Ofício de Notas, do tabelião Hugo Ramos, em que *O Globo* aparecia como “sociedade irregular ou de fato”, cujos sócios eram Francisca Pisani Marinho e seus filhos Heloísa Marinho Velho da Silva, Nilda Marinho Medrado Dias, Roberto Marinho, Ricardo Marinho e Rogério Marinho; *O Globo* dava, como garantia, penhor mercantil da própria máquina a importar e sua velha impressora *Goss*; entraria com 20 % sobre o valor em dólares, mas em cruzeiros, e amortizaria o resto em três anos, em prestações mensais de 20 000 cruzeiros. Um mês depois, apenas, voltava *O Globo* ao Banco do Brasil, levantando o correspondente a 31 776 dólares, para importar três máquinas: uma dobradeira, uma impressora tipográfica e uma grampeadeira, todas alemãs, escritura registrada a folhas 86 a 88 do livro nº 355 daquele mesmo cartório, com as mesmas condições de pagamento, sendo as prestações mensais de 19 800 cruzeiros, e garantia dada ainda pelas máquinas a importar, mais a mesma e velha rotativa *Goss*, embora já hipotecada. Pouco depois, voltava *O Globo* ao Banco do Brasil para novo empréstimo, agora dos cruzeiros correspondentes a 50 000 dólares, destinados à importação de máquina de impressão *off-set*, modelo *Roland Ultra RZU V*, alemã, para imprimir a duas cores, escritura registrada a folhas 22 a